

NOTA PRÉVIA SÓBRE UMA EXPEDIÇÃO DE PESQUISA AO PARQUE NACIONAL DO XINGU

Sob os auspícios da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, e orientados pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, partirão no próximo dia 4 de junho do corrente ano para a região do Alto Xingu os Professôres Nobue Myazaki e Paulo Augusto Adalberto Froehlich, respectivamente das Cadeiras de Etnografia Geral e do Brasil e de Lingüística.

Nesta pequena nota sôbre essa atividade, trataremos sômente da pesquisa lingüística que estará a cargo do Prof. Paulo A. Froehlich. Como introdução ao assunto, gostaríamos de dizer que a região do Alto Xingu, que recentemente foi constituída em Parque Nacional, é uma região de importância muito especial para as ciências humanas no Brasil. E' uma região que, principalmente devido ao seu difícil acesso, ainda é berço de culturas indígenas relativamente puras e onde a aculturação não se processou a largos passos. Embora isto aconteça, é de todo necessário que tal acervo cultural do nosso país seja não só preservado, mas também estudado e entendido.

Por que realizar pesquisas lingüísticas nessa região?

Ao lado do valor puramente lingüístico que essa pesquisa poderá apresentar, podemos dizer que a lingüística é uma das grandes auxiliares para qualquer das várias ciências humanas, e especialmente para a antropologia cultural, etnografia, sociologia e psicologia social. Também, dentre os muitos fatos culturais que qualquer grupo humano apresenta, está a língua. Sendo a língua instrumento e meio de cultura, em quase todos os casos, em maior ou menor grau, explica melhor e mais claramente inúmeros fatos culturais. Não pode existir língua sem cultura e cultura sem língua. A língua não pode existir por si só, ela é sempre um elemento de comunicação entre culturas e dentro de uma própria cultura. Já há várias

décadas que o lingüista norte-americana Benjamin Lee Whorf, ao estudar a língua Hopi verificou que até mesmo muitos conceitos generalizados para o mundo ocidental de hoje, são resultado de cultura e não fatos universais, como a interpretação da questão do tempo. Também verificou que sem um conhecimento razoável da língua Hopi não era possível ter uma idéia exata da arquitetura Hopi. Praticamente tôda a estrutura social está clara ou implicitamente refletida na estrutura lingüística.

Um desconhecimento total ou quase completo da lingüística moderna é um grande **handicap** ao pesquisador que se encontra no grupo das ciências antropológicas e sociológicas. E para o pesquisador que pretende realizar pesquisas de campo, êsse conhecimento é imprescindível. Êsse conhecimento é também absolutamente indispensável para aquêles que vão seguir cursos de línguas, isto é, aquêles que se dirigem para os Cursos de Letras. Agiram bem, portanto, as autoridades educacionais, ao darem o seu parecer sôbre os Cursos de Letras das Faculdades de Filosofia, e incluírem dentre outras disciplinas da parte comum ou obrigatória, o ensino da lingüística. Porém o ensino da lingüística também é uma necessidade no Curso de Ciências Sociais. Já na Faculdade de Filosofia de Presidente Prudente está sendo ministrado um curso de etnolingüística a todos os alunos do Departamento de Ciências Sociais; também na Faculdade Nacional de Filosofia os alunos recebem formação lingüística durante o curso, junto ao Museu Nacional. Na Faculdade de Filosofia de Marília o ensino de lingüística no Departamento de Ciências Sociais ainda depende de aprovação. E podemos dizer mais: nos Estados Unidos, que tanta literatura sôbre o ensino de línguas nos têm dado, começou-se a fazer isto depois que a lingüística começou a receber atenção por parte das universidades americanas, iniciando-se na Universidade Colúmbia com Leonard Bloomfield, seguindo-se depois os trabalhos de Sapir e de outros renomados lingüistas norte-americanos, que em muitos casos eram antropólogos e etnólogos que depois começaram a prestar uma maior atenção à lingüística. Teríamos tudo isso se não

houvesse interesse, e como resultado, se ela não fôsse ministrada? Não há efeito sem causa.

Portanto, é nosso ponto de vista que se a lingüística não fôr ensinada nas universidades brasileiras, nunca poderão surgir valores nesse campo. O primeiro passo acertado já foi dado: a inclusão como matéria obrigatória no Departamento de Letras. Outro deverá ser dado e que é sua inclusão no Curso de Ciências Sociais.

E agora chegou a oportunidade para os brasileiros lançarem-se também nesse campo. Diga-se de passagem que há atualmente no Brasil 25 grupos realizando pesquisas lingüísticas; embora orientados pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, é resultado de um convênio com o "Summer Institute of Linguistics", entidade norte-americana. Digo isto, porém, sem desprestigiar o trabalho do "Summer Institute" no Brasil mas como um desafio para que maior número de brasileiros também contribuam para o progresso da ciência lingüística no Brasil. Porém, sem ensino adequado nada disso será possível, nem agora nem no futuro. Digno de nota é a organização na Universidade de Brasília, de um grupo de pesquisadores lingüistas, sob a orientação muito competente do Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues. Com êsse propósito em vista, o Parque Nacional do Xingu foi declarado campo de pesquisa da Universidade de Brasília, devido à sua grande importância para a lingüística. Também na Universidade de Brasília será ministrado um curso intensivo para todos aqueles que terão que lecionar essa disciplina nas Faculdades de Filosofia, em virtude da nova regulamentação.

E' nosso intuito, ao realizazr pesquisas iniciais de aproximadamente dois meses no Parque Nacional do Xingu, contribuir também com uma parcela de nossos esforços para o esclarecimento de interessantes fatos culturais da região que, se não fôr logo estudada, poderá perder-se, como a região dos Xavantes e de outras tribos brasileiras devido à intensa aculturação e disrupção de culturas tradicionais.

Tendo como norma e ponto de partida o material de pesquisa fornecido pelo Museu Nacional, levaremos também a

efeito gravações com a finalidade de perpetuar as línguas das tribos dessa região, que poderão desaparecer. Entretanto, o trabalho principal de pesquisa será feito no próprio local pelo lingüista junto a um ou vários informantes. Todo êsse material será posteriormente classificado no laboratório lingüístico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, ainda em organização.

Finalmente, esta iniciativa das Cadeiras de Lingüística e Etnografia Geral e do Brasil é o resultado da idéia que o professor universitário deve ser, dentro de suas possibilidades, não sòmente um docente ou um pesquisador de gabinete, para se tornar também um pesquisador de campo, e assim contribuir com algo de si para o maior progresso das ciências humanas no Brasil.

PAULO A. FROEHLICH